

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

DANIEL MARTINS FARIAS

O JORNALISMO DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE ITIÚBA (BAHIA)

ITIÚBA - BAHIA
2022

DANIEL MARTINS FARIAS

O JORNALISMO DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE ITIÚBA (BAHIA)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.
Orientador: Prof. Me. Otacílio Vaz.

ITIÚBA - BAHIA

2022



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos vinte e dois dias do mês de novembro de dois mil e vinte e dois, realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante DANIEL MARTINS FARIAS, portador do Registro Uninter 316244 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título O JORNALISMO DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE ITIÚBA (BAHIA), e orientado pelo/a professor/a Me. Otacilio Vaz, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:
Examinador/a 1: Me. Larissa Drabeski

Examinador/a 2: Dra. Máira Nunes

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 92

Sendo assim, considerou-se o/a estudante

aprovado. Assinam os seguintes

participantes:

Orientador/a:

Examinador/a 1:

Examinador

Estudante

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos;

A Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho;

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho;

Aos amigos/familiares Evanice, Júlia, Felipe, por todo o apoio e pela ajuda que muito contribuíram para a realização deste trabalho;

Aos meus pais e irmãos, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência, enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho;

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período, do tempo em que me dediquei a este trabalho;

Ao Prof. Dr. Guilherme Gonçalves de Carvalho, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função, bem como ao meu Orientador de defesa do TCC, Prof. Me. Otacílio Vaz.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso;

Aos professores, por todos os conselhos, pela ajuda e paciência com a qual guiaram o meu aprendizado;

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para realização deste trabalho.

A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizagem;

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica;

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer, não só como pessoa, mas também como formando.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa, Evanice Bispo, pelo amor, força e entusiasmo constantes durante este caminho e em todas as trajetórias que já percorri.

“Seja breve para que eles leiam; claro para que eles gostem; original para que eles não esqueçam e, acima de tudo, preciso, para que sejam guiados por sua luz.” (Joseph Pulitzer)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programação da Rádio Comunitária Abelha Dourada.....	25
Quadro 2 – Perfil dos participantes da pesquisa.....	29

RESUMO

A presente monografia tem como propósito destacar o radiojornalismo da Rádio Comunitária Abelha Dourada de Itiúba-Bahia. Nessa perspectiva, teve como objetivo geral analisar os principais processos e práticas jornalísticas da citada Rádio Comunitária. A metodologia foi norteadada pela realização de um estudo de caso, com aplicação de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, tendo como instrumento de investigação a entrevista semiestruturada, aplicada a quatro participantes (equipe jornalística). Os resultados apresentados revelaram que a instituição possui características próprias de um veículo comunitário; que o papel do radiojornalista é pautado pela difusão de informação, aproximação com a comunidade, o poder público e autoridades locais; com a mediação de problemas sociais junto às autoridades do município. Mesmo enfrentando dificuldades e limitações, há uma expressiva participação da comunidade local, sendo desenvolvidas diversas ações, em meio a outras, os festivais musicais, as coberturas esportivas, as ações de marketing e distribuição de brindes, as ações voltadas as ajudas humanitárias, os eventos musicais e culturais. A programação jornalística, assim, atende aos interesses da comunidade, sendo muitas contribuições, dentre outras, as ações voltadas às práticas solidárias, as campanhas conjuntamente com o Ministério Público, destacando-se uma das ações realizadas, que influenciou no não fechamento da Comarca de Itiúba.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio Comunitária; Participação popular; Contribuições sociais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 METODOLOGIA.....	11
3 A RÁDIO COMUNITÁRIA E O RADIOJORNALISMO: A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO POPULAR.....	14
3.1 CARACTERÍSTICAS E FUNÇÃO SOCIAL DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA.....	14
3.2 O RADIOJORNALISMO E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, DA CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO POPULAR.....	16
4 A RÁDIO COMUNITÁRIA: A PROGRAMAÇÃO JORNALÍSTICA, ENFOQUES MAIS ABORDADOS E BENEFÍCIOS PROPORCIONADOS À COMUNIDADE.....	22
4.1 GÊNEROS, ENFOQUES E VANTAGENS.....	23
4.2 A RÁDIO ABELHA DOURADA.....	26
5 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	30
5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA (PERGUNTAS DE 1 A 4).....	30
5.2 DADOS MAIS ESPECÍFICOS DO TRABALHO DE PESQUISA (PERGUNTAS DE 5 A 10).....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	44

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico aborda a relevância do jornalismo da Rádio Comunitária Abelha Dourada de Itiúba-Bahia. O radiojornalismo, como é mais denominado, está presente no contexto das práticas informacional e comunicacional, direcionadas, sobretudo, às classes populares nas grandes e pequenas cidades brasileiras.

Nesse aspecto, é válida uma reflexão sobre a relevância da comunicação e de suas mídias no âmbito local. No entanto, deve-se repensar as posturas e as ações diante de tais meios de comunicação. Sobre tal afirmação, Pascoal (2001, p.9) afirma que: O papel da mídia “é informar, ajudando a sociedade a saber, conhecer, pensar e agir. A educação, portanto, é, diretamente, uma característica da mídia. Um povo somente pode ser grande se sua educação for boa e, a mídia, livre, plural e responsável”.

Configura-se, assim, no eixo de tais ações, que as rádios comunitárias têm em mira, principalmente, o fator educativo e transformador, de participação popular, sempre direcionada à coletividade. Martín-Barbero (2003) enfatiza que os veículos de comunicação comunitários influenciam frontalmente o processo de comunicação, o que é devido aos laços culturais, históricos e sociais que afetam não apenas a recepção, mas também a produção das mensagens, bem como informações e pautas, visto que a rádio comunitária deve ser gerenciada pela comunidade, que se caracteriza a partir de sua história, cultura e realidade socioeconômica.

Dessa forma, a escolha do referido tema partiu, a princípio, da necessidade de se destacar a atuação, sobretudo, no contexto do jornalismo da Rádio Comunitária Abelha Dourada, na cidade de Itiúba, levando-se em consideração, para tanto, os muitos serviços prestados à comunidade.

Observando-se, também, a necessidade da produção de trabalhos científicos e de esses estudantes poderem contar com um acervo para realização de pesquisa, sobremaneira que tenham alguma relação com o tema em pauta.

A questão-problema, nesse sentido, teve o seguinte direcionamento: Quais os principais processos e práticas jornalísticas na Rádio Comunitária Abelha Dourada? É necessário saber sobre tal realidade, o que, certamente, fornecerá um conhecimento sobre o funcionamento do referido meio de comunicação e informação, possibilitando, desse modo, uma abordagem das ações realizadas no seu dia a dia.

Cabe enfatizar a hipótese apresentada: “os principais processos e práticas jornalísticas na Rádio Comunitária Abelha Dourada ampliam o conhecimento de como se efetivam as ações desenvolvidas e a atuação profissional”.

Com isso, foi definido como objetivo geral: Analisar os principais processos e práticas jornalísticas da Rádio Comunitária Abelha Dourada. Nessa perspectiva, além de se poder determinar o aspecto estrutural desse estudo, busca-se, por meio dos enfoques definidos nos objetivos específicos que se seguem, proporcionar um encaminhamento aos resultados da pesquisa.

Logo, os objetivos específicos delimitados foram: 1º) Destacar a caracterização de uma Rádio Comunitária, função social, o conceito de radiojornalismo e o papel do jornalista comunitário; 2º) Abordar o radiojornalismo frente à democratização da comunicação, da cidadania e participação popular; e 3º) Detectar a programação jornalística, os enfoques mais tratados e benefícios proporcionados à comunidade.

Esse estudo, nesse aspecto, compõe-se das seguintes partes: dessa Introdução; seguindo-se da Metodologia, onde são abordados: Tipo de pesquisa aplicada, o local da pesquisa, instrumentos utilizados, os participantes, além dos procedimentos da pesquisa.

Na sequência, consta a fundamentação teórica, composta de dois capítulos: o primeiro aborda “A Rádio comunitária e o radiojornalismo: a democratização da comunicação, cidadania e participação popular”. No citado capítulo, são apresentados enfoques direcionados à compreensão de aspectos caracterizadores de uma Rádio comunitária, assim, necessário se fez salientar a sua função social. Ganham visualização também o conceito de radiojornalismo, as atribuições próprias do jornalista comunitário, a democratização da informação, a cidadania e a participação popular.

No segundo capítulo dessa fundamentação, destaca-se “A Rádio comunitária e a programação jornalística, enfoques mais abordados, os benefícios proporcionados à comunidade e gêneros, enfoques e vantagens”. No presente Capítulo, são tratados, ainda, assuntos sobre a programação jornalística, enfatizando-se os mais difundidos, os gêneros mais utilizados, bem como as muitas contribuições oferecidas à comunidade local por uma Rádio comunitária.

Dando continuidade, há a Discussão e apresentação dos resultados da pesquisa; com a análise das entrevistas; bem como as Considerações Finais; destacando-se os aspectos mais relevantes.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi realizada a partir da definição dos seguintes itens: Tipo de pesquisa aplicada, o local da pesquisa, instrumentos utilizados e os participantes. Em seguida, constam os procedimentos da pesquisa.

No tocante ao tipo de pesquisa, com a realização de um estudo de caso, foi aplicada a pesquisa qualitativa, de natureza descritiva. Nessa perspectiva, o referido estudo de caso é um método de pesquisa científica aplicado em pesquisa de campo, em uma instituição, entidade, grupo coletivo. Assim, foi o estudo de caso escolhido, por ser constatado como o mais apropriado para a realização de tal pesquisa, podendo, dessa forma, ser definido como:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Nesse sentido, são técnicas mais utilizadas nos estudos de caso a observação e aplicação de questionários, além da realização de entrevista. Embora se considerem outros métodos, de acordo com a disciplina em que esta pesquisa é realizada, merece ser destacada que a característica mais importante de um estudo de caso, por ser um estudo aprofundado de uma situação, evento ou caso específico, levando-se em conta, principalmente, suas características internas, além do contexto em que ocorre.

Por outro lado, em se tratando da pesquisa qualitativa, já citada, pode ser compreendida como:

[...] a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Gil (1999, p. 94) complementa o postulado anterior, explicitando que “[...] métodos de pesquisa qualitativa estão voltados para auxiliar os pesquisadores a compreenderem pessoas e seus contextos sociais, culturais e institucionais”.

Diante de tais argumentações, pode-se notar que tanto a pesquisa de natureza descritiva, quanto à abordagem qualitativa são muito recomendadas para trabalhos que têm como objetivo realizar um levantamento de dados pessoais, intrínsecos da sociedade e do indivíduo, as quais facilitarão a compreensão dos acontecimentos, além de se dirigir para a busca de soluções, obedecendo aos procedimentos delineados pelo pesquisador.

A referida investigação ocorreu na Rádio Comunitária “Abelha Dourada”, fundada em dois de julho de dois mil e cinco, localizada na Rua São Gonçalo, S/Nº Centro - Itiúba-Bahia.

Foi utilizado, como instrumento de pesquisa, a entrevista. Sobre tal instrumento, Salvador (1980) *apud* Ribeiro (2008) explicita que a entrevista se tornou, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas. Nessa perspectiva, a entrevista é utilizada sempre que há necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo esses serem fornecidos por determinadas pessoas.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (ROSA e ARNOLDI, 2006, p. 170).

De outra forma, a entrevista é concebida como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (RIBEIRO, 2008, p. 141).

Desse modo, nas questões empíricas, a entrevista é uma técnica que servirá para coletar as informações da realidade, questões essas basilares na construção do Trabalho de Conclusão de Curso.

São quatro os participantes da pesquisa, que compõem a equipe jornalística da Rádio Abelha Dourada, sendo que, para uma melhor compreensão, os mesmos

correspondem à totalidade da equipe. Dessa forma, quanto ao universo da pesquisa, a população e a amostra são as mesmas, ou seja, composta por quatro profissionais.

Nesse sentido, cabe ressaltar o posicionamento de Vergara (2005), que esclarece que os sujeitos da pesquisa são as pessoas, que têm grande importância nesse contexto, por fornecerem os dados de que o pesquisador necessita. Logo, certas vezes, confundem-se com “universo e amostra”, quando esses estão relacionados com pessoas.

Dessa maneira, o tipo de amostra escolhido foi o não-probabilístico, intencional, porque, conforme explicita Mattar (2001), o pesquisador está interessado na opinião (ação, intenção, etc.) de determinados elementos da população. O pesquisador, nesse aspecto, não se dirige à “massa”, ou seja, a elementos representativos da população geral, e sim àqueles, que conforme o seu entendimento, pela função desempenhada, cargo ocupado, prestígio social, exercem as funções de líderes de opinião na comunidade.

3 A RÁDIO COMUNITÁRIA E O RADIOJORNALISMO: A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO POPULAR

Nesse capítulo, alguns assuntos fazem parte dessa discussão: a função social da rádio comunitária, bem como serão destacados aspectos que caracterizam uma rádio comunitária. É abordado também o radiojornalismo e a democratização da comunicação, cidadania e participação popular.

3.1 CARACTERÍSTICAS E FUNÇÃO SOCIAL DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA

Necessário se torna, a princípio, trazer uma exposição sobre aspectos que dão uma caracterização específica de uma rádio comunitária. A esse respeito, a primeira característica, em termos técnicos e seguindo o que diz a lei, trata-se da representação da cultura local como instrumento fundamental para o exercício da cidadania, as rádios comunitárias têm direito a explorar o espectro eletromagnético com um sinal irradiado por equipamento com potência de até 25 watts, significando, em tese, 1 quilômetro de raio a partir da antena transmissora. De outra forma, devem permitir o acesso da comunidade ao microfone, oferecer serviços de utilidade pública e possibilitar a divulgação de elementos culturais e socioeducativos, respeitando os valores éticos e sem nenhum tipo de discriminação (BRASIL, 1998).

A rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível de cultura dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. A emissora radiofônica comunitária permite ainda a participação ativa e autônoma das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e na gestão da emissora. (PERUZZO, 2007, p. 69-70).

A rádio comunitária apresenta-se, assim, no contexto sociocultural, a partir da relação que estabelece no âmbito coletivista. Nesse aspecto, deve-se considerar, conforme Ghedini (2009, p. 15), que “uma rádio comunitária, com uma FM de baixa potência de caráter local, é voltada para informar, entreter e prestar serviço à população de sua área de atuação”.

Nessa perspectiva, deve-se conceber que as rádios comunitárias foram inseridas no contexto social como um canal tanto para a valorização, quanto para amplificação da cultura local, além de eventos da própria comunidade na qual estava localizada, partindo da divulgação de produtos e trabalhos dos ouvintes em seu redor e outras práticas mais. Sobre tal questão, pode-se considerar que:

[...] a característica principal do veículo continua sendo a da proximidade com a comunidade local. Se a televisão aberta tomou para si o papel que a Rádio Nacional desempenhava, se a globalização e a tecnologia trazem cada vez mais as informações mundiais, cabe justamente ao rádio, devido às suas características inerentes, promover as informações locais [...]. (HAUSSEN, 2005, p. 61).

Concernente ao exposto, Ruas (2002) esclarece que devido à sua diminuta dimensão, uma rádio comunitária se perfila como um veículo de comunicação que tanto é barato quanto de fácil domínio técnico. Dessa forma, desperta o interesse de muitas pessoas, que se sentem atraídas, quando presenciam, de forma mais próxima e real, a “magia” da comunicação social, que é sabido ser um direito de todos, sem exceção. Nas comunidades que possuem uma emissora comunitária, é verificado que o rádio passa a ser considerado como um ponto de aglutinação de perspectivas e desejos e, com isso, em seu entorno os moradores se sentem estimulados à construção de sonhos, à formulação de objetivos, à criação de cultura, a fazer divulgação de projetos e talentos locais, enfim, integram-se à comunidade.

Outras características importantes das emissoras comunitárias, são o pluralismo, em que todos os segmentos sociais e cidadãos têm direito a voz; a sintonia com as especificidades de cada realidade em que está inserida e a participação ativa de entidades não governamentais e sem fins lucrativos, representadas neste trabalho em forma de associações comunitárias. Criadas com objetivo de proporcionar à comunidade uma forma de expressão e de colocar uma novidade no ar, utilizam a rádio local como um instrumento de comunicação pública, auxiliando na resolução de problemas imediatos de sobrevivência social e cultural e conferindo parcelas de poder às comunidades, pois são elas as responsáveis por uma parcela de audiência, ainda não mensurada, que se identifica com uma linguagem local e que não tem receio de trocar os grandes projetos massivos de comunicação por projetos pequenos e localizados. (RUAS, 2002, p. 89).

Frente ao exposto, verifica-se que tais características, apesar de não mencionadas em sua totalidade, expõem o retrato de uma rádio comunitária no plano de sua caracterização. Ainda sobre esse enfoque, a fim de que, verdadeiramente, uma emissora comunitária seja utilizada especificamente para fins comunitários, vale destacar a citação abaixo:

Quando uma rádio promove a participação dos cidadãos e os mesmos definem seus interesses; quando responde aos gostos da maioria e faz do bom humor e a esperança sua primeira proposta; quando informa vorazmente; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando em seus programas debatem todas as ideias e respeitam todas as opiniões; quando se estimula a diversidade cultural e não a homogeneização mercantil; quando a mulher é protagonista da comunicação e não uma simples voz decorativa ou um anúncio publicitário; quando não se tolera nenhuma ditadura, nem se quer a imposição musical; quando a palavra de todos é pronunciada sem discriminação e sem censuras; essa é uma rádio comunitária [. . .]. (LOPES VIGIL, 1995, p.52).

A partir dos pontos de vistas, anteriormente apresentados, pode-se entender, com isso, que a função social de uma rádio comunitário, antes de tudo, tem a ver com a transformação das pessoas de uma comunidade em cidadãos participativos, para que esses se voltem à melhoria de sua condição social, com certo conhecimento político e cultural, além de saber lutar por seus direitos.

Para Galvão e Vaz Filho (2020), fundamentalmente as rádios comunitárias têm como função social importante, em meio a outras dessas funções, dar voz aos territórios em que estão localizadas e, dessa forma, comprometem-se com uma melhor qualidade de vida das pessoas que ali vivem, além da salvaguarda dos direitos daqueles que procuram, mesmo que tais emissoras estejam inseridas em um contexto em que as demais mídias têm pouco interesse, assim, tais veículos de comunicação fazem um trabalho de interação relevante naquela localidade.

Com isso, pode-se perceber que a função social de uma rádio comunitária está atrelada a vários propósitos, como é o caso, dentre outros, a transformação e mobilização dos indivíduos, a proposta educativa, que se relaciona com o conhecimento político e a cultura, a expor os direitos dos ouvintes, além do fator interacional, com vistas à mobilização da comunidade como um todo.

3.2 O RADIOJORNALISMO E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, DA CIDADANIA E A PARTICIPAÇÃO POPULAR

No tocante à democratização da informação, antes é preciso o entendimento do texto sobre democracia e depois visualizar a relação com a comunicação. A esse respeito, o termo democracia vem do grego *demos*, “povo”, e *kratus*, “autoridade”, que se refere ao “(...) princípio de que o poder emana do povo e em seu nome é exercido” (BUCCI, 2009, p. 113). Para o mesmo autor, tal conceito, aplicado ao âmbito

comunicacional, tem uma relação com o livre fluxo de informações e ao grau de compartilhamento com os cidadãos, haja vista que “sem o livre fluxo de informações e opiniões, o regime democrático não funciona, a roda não gira” (BUCCI, 2009, p.113).

Com isso, a relevância da relação que ocorre entre democracia e jornalismo, considerando que “a democracia ainda depende do jornalismo – e este, agora, depende de identificar e cultivar o que lhe é essencial” (BUCCI, 2009, p.130). Entretanto, para isso, são necessários meios e regulamentações para a garantia desse quarto poder com execução de forma correta de sua função, porque “sem a garantia de funcionamento dos meios de comunicação dentro de uma ‘estrutura policêntrica’, não há como falar em liberdade de imprensa garantidora de democracia” (LIMA, 2011, p.35).

Cabe, nesse sentido, considerar uma referência que deve ser considerada, presente no capítulo V da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 Art. 220 §5º: “Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio” (BRASIL, 1988, p. 129).

Segundo Boyce (apud TRAQUINA, 2005, p.47), pode-se perceber que a imprensa atua como “um elo indispensável entre a opinião pública e as instruções governantes”. Por isso, é necessário enfatizar a influência que os meios de comunicação exercem sobre a população, bem como os problemas que seu uso dissimulado, a serviço de interesses particulares, pode acarretar na sociedade democrática, considerando que “[...] o jornalismo como instituição é imprescindível para sociedades democráticas justamente porque é capaz de servir ao interesse público” (GOMES, 2009, p.69-70).

Os monopólios ou oligopólios na propriedade e no controle dos meios de comunicação devem estar sujeitos a leis sobre concorrência desleal, pois conspiram contra a democracia ao restringir a pluralidade e a diversidade que asseguram o pleno exercício do direito à informação pelos cidadãos. Em nenhum caso, estas leis devem aplicar-se exclusivamente aos meios de comunicação. As concessões de rádio e televisão devem observar critérios democráticos que garantam a igualdade de oportunidades de acesso para todos os indivíduos. (LIMA, 2011, p.93).

Frente ao apresentado, torna-se evidente a necessidade de meios de comunicação alheios à grande mídia, visto que “[...] interesses privados agem e se comunicam no âmbito da esfera pública para, aí dentro, fazer valer suas causas, reivindicações ou propostas” (BUCCI, 2015, p. 50), para o mesmo autor, nada mais justo para a manutenção da democracia comunicacional que haja meios para o povo

das comunidades poder enxergar como instrumento tanto para suas reivindicações, quanto para opiniões.

No que tange às mídias comunitárias, como o rádio, frente à cidadania, pode-se considerar que os meios comunitários têm como propósito maior reduzir as distâncias entre o ouvinte e a informação, promovendo, assim, uma comunicação participativa, dando voz aos “sem fala”, utilizando o jornalismo como instrumento de mudança. Nesse sentido, para ser considerada comunitária, uma mídia deve:

Estar aberta à participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas; As pessoas da própria comunidade se revezam enquanto produtoras e receptoras dos produtos comunicacionais; Desenvolvimento do processo de interatividade na comunicação; Autogerida pelas entidades representativas da própria comunidade; Autonomia e livre de ingerências em relação aos órgãos do Governo, grande mídia, partidos políticos e seus afiliados, etc. Não tem inovação de linguagens e formatos de programas; Programação sintonizada com a realidade local. Temas de interesse local; Dirigida a segmentos específicos da população; Alcance limitado em termos de cobertura, audiência ou número de leitores; As ações se desenvolvem em torno de interesses comuns; Envolve um processo de aprendizado no exercício da democracia e da cidadania. (PERUZZO apud WOITOWICZ, 2009, p.168).

É possível, desse modo, uma reflexão sobre a cidadania comunicativa e o não rompimento com a constituição dos direitos civis, como não só a liberdade de expressão, direitos políticos, como as formas de participação dos cidadãos e direitos sociais, mas também como direito à informação, educação, ao acesso ao conhecimento. Contudo, reflete sobre a capacidade desses direitos, já conquistados, e de serem ampliados com a adesão de novas vozes cidadãs. Nesse contexto, Mata (2006, p. 13), a respeito da noção de cidadania comunicativa, diz que ela “ultrapassa a dimensão jurídica e alude à consciência prática, à possibilidade de ação”. Ou seja, implica no desenvolvimento de práticas tendentes a garantir os direitos no espaço específico da comunicação e, por meio desse campo, fazer com que se amplie o espaço democrático.

Na esteira dessa discussão, para Haussen (2005), uma emissora comunitária estrutura-se a partir de demandas locais, em especial, aquelas que se referem às necessidades básicas como além do acesso à informação, da divulgação de assuntos que interessam à comunidade; à luta dos sujeitos engajados no debate por melhorias políticas, sociais e culturais. Sob esse ponto de vista, é possível se identificar que a rádio comunitária se torna também um espaço para que o cidadão possa participar das decisões sobre as políticas locais ou, até mesmo, sobre a necessidade de um tipo de comunicação plural e mais democrática.

No entanto, por outro lado, pode-se observar que a participação do cidadão, em grande parte dessas rádios comunitárias, quase sempre é reduzida:

Há, portanto, dificuldades das rádios comunitárias para manter seu funcionamento e conseqüentemente sua relação mais próxima com as comunidades atingidas pela radiodifusão dos seus programas. Há ainda significativos entraves para o atendimento das suas reivindicações pelo governo e para o avanço institucional das políticas públicas relacionadas à democratização das comunicações o que obstaculiza a visibilidade e socialização dos interesses populares. As rádios comunitárias acabam por depender quase que exclusivamente da dedicação voluntária dos participantes o que compromete a continuidade e a qualidade dos seus programas. A precariedade financeira põe em risco também a independência das rádios diante de interesses políticos e econômicos que auxiliam na sua manutenção, mas que não necessariamente são coincidentes com os interesses comunitários. (IMBUZEIRO et. al, 2013, p. 8).

Verifica-se, com isso, que a conquista da cidadania tanto cobra a participação, quanto requer a luta dos indivíduos sobre seus direitos que lhes são anunciados e registrados quanto ao acesso à comunicação, principalmente das rádios comunitárias e ao seu funcionamento nas pequenas cidades brasileiras, para tanto, essas condições devem ser plenamente oferecidas e satisfeitas.

Com referência à participação popular, vale afirmar que as Emissoras de Radiodifusão Comunitária cumprem um papel social de muita significância nas comunidades em que estão inseridas.[...] Tal meio de comunicação oferece oportunidade a vozes, muitas vezes, oprimida em outros meios de se expressar e divulgar o trabalho feito na comunidade. Portanto, um dos principais papéis das rádios comunitárias é de transformar os indivíduos em cidadãos atuantes, bem como mobilizados em lutar pelos seus direitos e ativos no dia a dia da localidade (DAROLT et al, 2011).

Há rádios comunitárias que apesar da conformidade com a lei, operam para a promoção exclusiva de interesses privados. É o que se observano estudo de Lopes (2005), ao concluir que a política de radiodifusão comunitária é uma estratégia de exclusão. Dessa forma, os interesses privados podem ser direcionados à determinada religião, partido/personalidade política ou, certas vezes, servem como fonte de renda para aqueles que se intitulam “donos” das rádios comunitárias.

No contexto dessa abordagem, mesmo observando-se tal limitação quanto à participação popular, merece destaque o pensamento de McLuhan (1964, p. 336), “[...] o rádio afeta as pessoas, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma

experiência particular”.

Assim, deve-se destacar:

O poder que tem o rádio, primeiramente, é de envolver as pessoas em profundidade. Manifesta-se no uso que as pessoas fazem do aparelho, durante seus trabalhos de casa, bem como aquelas que levam consigo seus transistores, que lhes propiciam um mundo particular, próprio, em meio às multidões. É o meio que marca presença constante na vida de todos, representando muitas vezes o papel de único companheiro em momentos de solidão. Em segundo lugar, trata-se de um meio compreensível para os analfabetos, público que a mídia impressa exclui. Em terceiro porque, após a descoberta do transistor, o rádio adquiriu a mobilidade de que tanto precisava, ficou livre de fios e tomadas e está presente em todos os lugares: na sala, na cozinha, no quarto, no carro, internet entre tantas outras localidades (SANTOS, 2009, p. 48).

Vale citar Coelho Neto (2002, p. 68) e sua crença de que as rádios comunitárias tenham sido criadas para ocupar as “lacunas deixadas pelas emissoras de médio e grande porte que, em geral, que não se prestam a servir as pequenas comunidades, como as do interior ou de bairros de grandes cidades”. O autor concebe que essas emissoras se voltam para um público mais amplo e diversificado, que não é atendido por veículos da grande imprensa, já que esses “não mergulham nas especificidades dos pequenos conglomerados, mas cujas ilhas, quando somadas, representam um universo considerável.”

Através de sua mobilidade, o rádio deixou de ser um meio de recepção coletiva, tornando-se individual. O emissor passou a se comunicar para toda sua audiência, como se estivesse falando para cada um em particular. E ainda numa perspectiva caracterizadora de toda essa preponderância, está, entre as funções sociais, a contribuição para a sedimentação do processo da cidadania dentro das minorias. Isso também se deve ao fato de que o rádio aproxima o mundo do cotidiano das comunidades. A segmentação radiofônica voltada à comunicação popular e expressada pela radiodifusão comunitária insurgiu no interior de movimentos e organizações sociais e nas próprias comunidades, na busca pela liberdade de expressão, restrita apenas aos proprietários das concessões dos veículos de comunicação e dos detentores dos poderes público e econômico, que visavam apenas consolidar esse poder ao invés de promover o bem comum. (SANTOS, 2009, 48)

No âmbito dessa discussão, falar em participação é desenvolver nas minorias a ideia da interação e a própria importância da ação participativa, ou seja, trata-se ainda de um processo tanto de conscientizar, quanto de despertar nos indivíduos sua capacidade de cobrar, de resolver problemas que afetam a comunidade, além da tomada de decisões e de analisar resultados.

[...] a participação possui característica de ser meio e fim, porquanto é instrumento de autopromoção igualmente a própria autopromoção [...]

participação é exercício democrático. Através dela aprendemos a eleger, a deselegar, a estabelecer rodízio no poder, a exigir prestação de contas. A desburocratizar, a forçar os mandantes a servirem à comunidade. (DEMO, 1993, p. 66-77).

Levando-se em consideração tal postulado, sabe-se que os meios de comunicação comunitários têm um papel tanto específico, quanto crucial na habilitação do acesso e participação de muitos ouvintes na sociedade da informação.

São esses meios de comunicação que mais potencializam a participação direta do cidadão na esfera comunicacional. Primeiro porque se situam no ambiente onde as pessoas vivem, conhecem a localização e podem se aproximar mais facilmente. Processo que é facilitado quando a comunicação se realiza a partir de organizações dos quais o cidadão participa diretamente ou é atingido por suas ações. Segundo porque se trata de uma comunicação de proximidade. Ela tem como fonte a realidade e os acontecimentos da própria localidade, além de dirigir-se as pessoas da “comunidade”, o que permite construir identificações culturais. (PERUZZO, 2001, p.11).

A radiodifusão comunitária, assim, observando-se suas características e os próprios aspectos que mais ressignificam as rádios comunitárias, ainda não se caracterizam, totalmente, como mobilizadora de participações, como visa o seu projeto norteador, que a tipifica de forma mais real, mas não se deve desconsiderar que é de extrema relevância para a comunidade, os interesses, os laços em comum, surgindo, a partir daí a necessidade de manifestação, de meios pelo qual ela possa se expressar.

4 A RÁDIO COMUNITÁRIA: A PROGRAMAÇÃO JORNALÍSTICA, ENFOQUES MAIS ABORDADOS E BENEFÍCIOS PROPORCIONADOS À COMUNIDADE

No presente capítulo, são abordados assuntos sobre o conceito de radiojornalismo e o papel do jornalista comunitário, a programação jornalística, fazendo-se referência aos gêneros mais utilizados, trazendo algumas informações sobre a Rádio Abelha Dourada, além das muitas contribuições oferecidas à comunidade local por uma rádio comunitária.

No tocante ao conceito de radiojornalismo, compreende-se, conforme Bechara (2011, p. 1062), que radiojornalismo é o “jornalismo veiculado por meio da radiofusão”. Observa-se, com isso, que ele se utiliza de programas direcionados à divulgação de notícias dos mais variados tipos, fazendo uso de sons e locução, com a participação de repórteres, além de apresentadores.

No contexto das atribuições ou papéis assumidos pelos radiojornalistas comunitários, alguns podem ser citados: a princípio, pode ser destacado o seu engajamento social e político, o que, para Peruzzo (1998), se traduz em uma debate da relevância da conscientização política da base, que pode ser formada por meio da atuação do jornalismo comunitário e, ainda afirma a autora, que, para ser realmente um jornalismo comunitário, necessário se faz ser realizado por membros da comunidade, mesmo que esses ainda não atinjam o nível de participação desejado. Dessa forma, para a autora, impossível se torna desvincular a prática do jornalismo comunitário com o engajamento social e político, visto que é essa a base para a transformação, bem como para o alcance dos propósitos dos moradores da região, ou seja, da comunidade.

Outra das atribuições do jornalista comunitário é “trazer informações com ênfase em problemas locais”, assim, há temas que, certas vezes, somente é do interesse daquela comunidade [...]. Isso é devido ao fato de o jornalismo comunitário estar ligado a uma zona geográfica delimitada e na maioria dos casos não é muito grande, dessa forma, a cobertura dos fatos é feita em cima de acontecimentos da região, fazendo com que a população se perceba refletida nos acontecimentos locais (PERUZZO, 1998, p. 192).

No jornalismo comunitário o mais importante é a contextualização do fato, isto é, ele não traz só a notícia, e sim diz o porquê e como isso aconteceu. Além do mais,

o enfoque não procura mostrar as coisas ruins do lugar, mas valorizar a cultura local (FESTA,1991).

É o espaço onde a população daquela comunidade não é julgada pelo veículo de comunicação, pelo contrário é valorizada. Nos veículos de comunicação comunitária as populações carentes não são mostradas como criminosos e bandidos como acontece muitas vezes na grande mídia (SILVA, 2003).

Outro dos papéis da rádio comunitária é considerar a relação jornalista e comunidade. Assim, verifica-se que esse nível de participação é muito difícil de ser alcançado. Entretanto para a construção da verdadeira participação comunitária, deve-se incentivar os membros da comunidade a interagir o máximo possível na produção do jornal, a fim de que eles deixem de ser apenas receptores da mensagem, mas que cheguem a ser os produtores dela (PERUZZO,1998).

4.1 GÊNEROS, ENFOQUES E VANTAGENS

É verificado que a programação jornalista de uma rádio comunitária obedece às peculiaridades específicas de cada localidade. Sobre essa questão, conforme postulam Soares e Reginato (2012), a narrativa do programa jornalístico se traduz em um espaço para a divulgação dos fatos locais e da opinião da comunidade, entretanto não se deve esquecer também dos acontecimentos de ordem global, que conectam os diversos grupos sociais.

O jornalismo tem a ver com a vida, [...] porque aquilo que é notícia só é notícia porque tem algum potencial de transformar a realidade. Então, o jornalismo não lida com o efêmero. O jornalismo lida com a transformação. As notícias de amanhã, elas refletirão nos efeitos das notícias de hoje. Portanto, o jornalismo está enraizado como ferramenta essencial no contexto da vida, no contexto da realidade, no contexto da construção do presente. (CHAPARRO, 2008, p. 78).

Nesse aspecto, vale enfatizar, dentre os gêneros mais utilizados, o informativo ou jornalístico. Dessa forma, pode-se afirmar que a programação informativa relaciona-se com a notícia, visto que, partindo-se dela são dadas a informação mais relevante no tocante a um determinado fato quer seja ele factual ou não. Frente ao exposto, segundo Lage (2001, p. 54), notícia é “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante”.

Considerando-se a conceituação geral, notícia de rádio, com base na afirmação

de Zuculoto (2012, p. 18), “entende-se a notícia radiofônica como aquela estrutura que veicula a informação de forma breve, sucinta, objetiva, com simplicidade na elaboração do texto”. Para tal autora, por se tratar de um meio exclusivamente sonoro, sem a adição de imagens e textos para leitura, a notícia deve ser transmitida de forma precisa direcionada à fácil compreensão do ouvinte. Com isso, o comunicador tem papel de destaque nesse processo. Ele deve transmitir a notícia de forma agradável e coesa, fazendo com que “a audiência sinta que é uma informação verdadeiramente atrativa e interessante sobre um acontecimento relevante que pode manter sua atenção do início ao fim” (PRIETO, 2001, p. 85).

Assim, a equipe deve ter uma atenção especial com a linguagem utilizada na produção dos programas. É de grande relevância que os ouvintes consigam entender a mensagem que está sendo transmitida. Nesse sentido, para Prado (1989, p. 20), “a informação apresentada em um programa de rádio deve ter um tom natural. Ou seja, devido à natureza puramente oral do rádio, a linguagem assumida deve ser mais próxima à fala do que à escrita, pois se está literalmente falando para alguém”.

Vale afirmar que as emissoras de rádio devem proporcionar uma programação que traga serviços que auxiliam no dia a dia da população local. Informações de trânsito, clima e notícias locais e nacionais são primordiais para aproximar ainda mais o público e a emissora (AVRELLA; ZUCOLOTO, 2013).

Devemos, então, caracterizar esse formato de jornalismo como o veículo especializado em informar os fatos que acontecem dentro de uma região específica (ou comunidade), de interesse para seus moradores, com participação do público alvo. Os moradores de um bairro estão muito interessados em conhecer o funcionamento do sistema de transportes, os problemas de segurança, individual e coletiva, de limpeza e conservação nas ruas, de policiamento, do posto de saúde, das vagas nas escolas, da riqueza cultural local, que também merecem ser divulgados. (DORNELLES, 2012, p. 247).

Considerando-se a citação apresentada anteriormente, cabe destacar a observação de Dornelles (2012), ao explicitar que uma rádio comunitária nem sempre vai ter à disposição um jornalista para produção de conteúdo. Via de regra são pessoas bem comunicativas, que exercem um papel relevante dentro da sociedade. Isso não impede a existência de boas entrevistas e que conteúdos com tons jornalísticos não possam ser veiculados.

Com relação ao tratado por Dornelles sobre “entrevista”, sabe-se que esse é outro dos gêneros que faz parte também do radiojornalismo nas rádios comunitárias.

Segundo Lage (2006, p. 73), “A entrevista é uma expansão da consulta às fontes, objetivando a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

Beltrão (*apud* LOPEZ; MATA, 2009, p. 89) complementa, esclarecendo que “na entrevista, misturam-se a provocação do jornalista e a sua força descritiva com a reação e os comentários do entrevistado, nas réplicas às questões formuladas”. Logo, uma entrevista não seria assim chamada se não houvesse o princípio da ação e reação, assim, quando o jornalista age, formulando e aplicando perguntas, o entrevistado reage por meio de respostas, comentários e demais estímulos necessários.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (MEDINA *apud* CAPUTO, 2002, p.8).

Mcleish (2001), no contexto dessa abordagem, destaca três tipos de entrevistas: informativa, interpretativa e emocional. A informativa, que transmite informações aos ouvintes; a interpretativa, que o entrevistador fornece os fatos e o entrevistado comenta-o ou explica-o; emocional, que dar uma ideia do estado de espírito do entrevistado, mostrando seu lado humano.

Frente ao exposto, considerando a entrevista, principalmente no ambiente de uma rádio comunitária, vale destacar Lopez e Mata (2009, p. 73), que afirmam: “A entrevista, além de ser um gênero específico, é uma técnica que dá vida a todos os outros gêneros. Pois, é através dela que toda produção jornalística é obtida”. Entende-se, com o exposto, que o jornalismo é feito de informações, e essas são trazidas também por meio das entrevistas, independentemente de sua abordagem fazem parte do cotidiano jornalístico.

Mais um gênero que merece destaque é a reportagem, a qual é um dos gêneros radiofônicos mais usados, sobretudo em emissoras de grande porte, já que essas possuem melhores condições técnicas e uma equipe mais preparada para realizar este tipo de produção.

No entanto, mesmo um pouco restrita, não deixa de fazer parte do jornalístico de uma rádio comunitária. Nesse contexto, Ortiz e Marchamalo (2005, p. 46) afirmam que reportagem é “o relato ou exposição de um fato noticiável por meio de testemunhos selecionados e ambientes sonoros montados de forma ordenada”. Os

autores também asseguram ser um gênero radiofônico de caráter periódico que aceita todo tipo de recursos. Dessa forma, por não acontecer de uma hora para outra, existe um planejamento, deve ser escolhido com quem se vai conversar, além dos métodos a serem utilizados e suas formas de tratamento.

Beltrão (*apud* LOPEZ; MATA, 2009) destaca que reportagem é concebida como o relato de um acontecimento de interesse coletivo, que é testemunhado ou colhido na fonte por um jornalista e oferecida ao público, especialmente, por meio dos veículos jornalísticos. Nessa perspectiva, a maioria das reportagens são feitas de temas polêmicos e atuais, assuntos que a população tem interesse, mostrando sobretudo algum ponto acerca do tema em discussão que ainda não tenha sido abordado.

No âmbito dos gêneros apresentados, como fortalecedores do radiojornalismo, não se deve deixar de destacar nas rádios comunitárias o programa de jornalismo esportivo, que contribui para a divulgação das práticas esportivas locais, além dos programas educacionais e culturais, de divulgação de eventos realizados pela comunidade, bem como, por outro lado, a programação musical, composta por uma diversidade de músicas.

4.2 A RÁDIO ABELHA DOURADA

A Rádio Abelha Dourada foi fundada em dois de julho de dois mil e cinco, com localização na Rua São Gonçalo, S/Nº Centro - Itiúba-Bahia. Vale esclarecer que o município dispõe de dois veículos de difusão, contando com uma rádio alternativa, denominada GPS Publicidade e dos serviços da Rádio Abelha Dourada, cabendo, assim, destacar o seu papel como mobilizadora da comunidade, da relação com os órgãos públicos, das autoridades governamentais, além da sua programação, que conta com os eventos culturais, esportivos, musicais e, sobretudo, o radiojornalismo.

Com isso, no quadro abaixo, abre-se um espaço para a apresentação de sua programação.

Quadro 1 – Programação da Rádio Comunitária Abelha Dourada

SEGUNDA A SEXTA (HORÁRIO)	PROGRAMAS	SÁBADO (HORÁRIO)	PROGRAMAS	DOMINGO (HORÁRIO)	PROGRAMAS
--	-----------	-----------------------------	-----------	------------------------------	-----------

6h	Itiúba sertaneja	5h	Itiúba sertaneja	5h	Jovem guarda
7h	Programa Gospel	9h	Balaio de gato	9h	Domingueira
8h	Pressão popular	14h	Tarde popular	12h	Itiúba Cultura viva
9h	Bom dia Itiúba	18h às 23h	Sabadão especial	14h às 19h	Domingueira
12h	Jornal Abelha News			19h às 23h	O amor está no ar
13h	Tarde popular				
16h	Forrozão da 104				
17h	Momento brega				
19h	A voz do Brasil				
20h	No giro da bola				
21h	O amor está no ar				
23h	Encerramento				

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2022), conforme dados - site www.radioabelhadoura.com.br

Considerando-se a programação apresentada e dando continuidade, às contribuições proporcionadas, podem ser salientadas, em meio a outras, primeiramente, o trabalho direcionado como fator de desenvolvimento local. Percebe-se que os integrantes desses meios de comunicação e informação devem ter a capacidade de assessorar, planejar e executar políticas de comunicação, visando o despertar das potencialidades da comunidade, em favor do desenvolvimento que se processa na localidade. Devem, então, colaborar para o despertar do conhecimento de suas próprias deficiências, carências e problemas de todas as ordens, no sentido de conscientizá-las e encorajá-las a tomar soluções pelos caminhos corretos, objetivando resoluções. Os programas voltados aos radiojornalismo são: Pressão popular (Entrevista), Jornal Abelha News (Notícia), No giro da Bola (Esporte) e Itiúba Cultura Viva (Cultura). No eixo dessa discussão, o autêntico desenvolvimento local, segundo Ávila (2000, p. 71), pode ser considerado como: “[...] aquele que emerge do

desabrochar de capacidades, competências e habilidades no âmbito e do seio da própria comunidade, isto é, de dentro para fora”. Dessa forma, para o autor, se o que foi descrito fosse cumprido na íntegra, utilizando a comunidade em todo o processo comunicativo, o autêntico desenvolvimento seria uma consequência certa.

É válido, nessa perspectiva, destacar que:

[...] as rádios comunitárias procuram abrir possibilidades para uma apropriação coletiva dos meios, apresentando uma mensagem alternativa cujo objetivo é atingir, não mais as grandes massas, mas as minorias e os grupos socialmente marginalizados (ORTRIWANO, 1985, p. 34).

Nesse sentido, compreende-se que, para a citada autora, é a prática da cidadania integrada ao crescimento individual, que estimula o surgimento de lideranças populares e consolida as já existentes. Essa é, sem dúvida, uma das maiores contribuições das rádios autenticamente comunitárias aos cidadãos, às comunidades e ao país.

Para Ruas (2002), uma coletividade compartilha vivências que estão interligadas por interesses, originados principalmente das necessidades sociais básicas presentes no cotidiano de cada uma das pessoas que a integra. Tais necessidades referem-se à saúde pública, educação, política, segurança e demais serviços sociais delegados ao poder público, em que ausência ou má prestação costuma gerar carências comunitárias. A comunicação no contexto popular, aqui representada pela rádio comunitária, pode vir a estabelecer uma atuação como estratégia de transformação dessa realidade, quando, como representante de uma comunidade, torna-se possível uma análise, o requerer e até o promover de ações que modifiquem o cotidiano em foco.

A respeito dessa questão, há o registro do seguinte argumento:

Na perspectiva da cultura, falar de comunicação popular é falar do modo de inserção do trabalho comunicativo no ambiente social. É pensar a comunicação a partir dos critérios e valores dos grupos populares ligados a esse meio ambiente. Valores como o sentido da vida, do trabalho, da solidariedade, que aparecem articulados no cotidiano do povo. (COGO, 1998, p. 48).

Entende-se como um trabalhar em um universo de culturas que abrangem valores, crenças, conflitos e manifestações diversificadas, de forma a desenvolver um ambiente de envolvimento social, que ao mesmo tempo se caracteriza pela

individualidade de pensamentos. É justamente a pluralidade de ideias e valores que impulsiona cada um dos moradores a se comunicar, bem como a interagir por meio da autoexpressão, do conhecimento de novos pontos de vista, da troca de informações. “A comunicação, que permite e privilegia todo esse processo, transforma cada indivíduo em membro atuante da comunidade, um verdadeiro agente participativo na construção da cidadania”. (RUAS, 2002, p. 106).

5 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

No presente capítulo, são abordados a discussão e apresentação dos resultados da pesquisa, para tanto, são, com isso, registrados as perguntas e respostas dos entrevistados, seguindo-se de análise e comentários expostos.

As categorizações exploradas nessa entrevistas foram: 1. Características de uma Rádio Comunitária. 2. Atribuições do radiojornalista comunitário. 3. Gêneros existentes e desenvolvidos no radiojornalismo da aludida Rádio comunitária. 4. Participação do público ouvinte e práticas que fortalecem essa inter-relação. 5. A aprovação da programação jornalística e outras solicitações dos ouvintes e 6. As principais contribuições da Rádio comunitária.

O critério de perguntas adotado baseou-se em “perguntas abertas”, primeiramente, propondo um conjunto definido de opções, isso para os questionamentos direcionados ao levantamento do perfil dos sujeitos da pesquisa; depois, direcionaram para o assunto mais específico dessa pesquisa.

5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA (PERGUNTAS DE 1 A 4)

Com já mencionado, o número de entrevistados são 4, porque são esses os sujeitos da pesquisa que compõem a equipe de radiojornalismo da referida Rádio. Vale ressaltar dessa forma, que em virtude da necessidade de garantir o anonimato com referência aos nomes dos mesmos, foram criados, no Quadro abaixo, códigos alfanuméricos, os quais serão utilizados nesse capítulo.

Quadro 2 – Perfil dos participantes da pesquisa

Código atribuído a(o) Radiojornalista	Sexo	Faixa etária	Nível de formação	Tempo de atuação na Rádio Abelha Dourada
RDJ1	Masculino	35 a 50 anos	Nível Médio (Formação Geral) Curso de Radiojornalismo no CEFET- Centro de Educação Federal	10 a 25 anos

RDJ2	Masculino	35 a 50 anos	Nível Médio (Formação Geral) Curso de Radiojornalismo ABLAP	10 a 25 anos
RDJ3	Masculino	20 a 34 anos	Nível Médio (Formação Geral) Curso de Radialista	1 a 9 anos
RDJ4	Feminino	35 a 50 anos	Nível Médio (Formação Geral)	1 a 9 anos

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2022)

Analisando-se o Quadro acima, constatou-se que RDJ1, RDJ2 e RDJ3 são do sexo masculino, enquanto RDJ4 é do Sexo Feminino. RDJ1, RDJ2 e RDJ4 estão na faixa etária entre 35 a 50 anos de idade; somente RDJ3 está na faixa etária de 20 a 34 anos de idade. Todos possuem Nível Médio, sendo que RDJ1 e RDJ2 têm cursos de Radiojornalismo e RDJ3, de Radialista. O tempo de atuação na Rádio Abelha Dourada corresponde a: RDJ1 e RDJ2, de 10 a 25 anos e RDJ3 e RDJ4, de 1 a 9 anos.

Pôde-se, verificar, assim, que todos os entrevistados estão em condições de atuar no radiojornalismo, já que há uma tolerância, não sendo exigido necessariamente pessoas com graduação em jornalismo para atuação em Rádio comunitária. A esse respeito, vale enfatizar o que anteriormente foi citado por Dornelles (2012), uma rádio comunitária nem sempre vai ter à disposição um jornalista para produção de conteúdo. Via de regra são pessoas bem comunicativas, que exercem um papel relevante dentro da sociedade. Isso não impede a existência de boas entrevistas e que conteúdos com tons jornalísticos não possam ser veiculados. Isso pode ser perfeitamente entendido, a saber-se que a rádio comunitária é justamente a comunidade a grande responsável pela construção da programação, com sugestões de assuntos a serem tratados e que são de interesse coletivo (DORNELLES, 2012).

5.2 DADOS MAIS ESPECÍFICOS DO TRABALHO DE PESQUISA (PERGUNTAS DE 5 A 10)

Foi pedido, inicialmente, para citar 4 aspectos que, para o entrevistado, caracterizam a “Abelha Dourada” como uma Rádio Comunitária. Tendo as seguintes respostas:

Difusão da cultura local; Fomento do Esporte local; potência de 25 Walts, área de 1 quilômetro a partir da antena; regida por Associação conforme Lei 9612/1998; programação com diversidade músicas, jornalismo, cultura, tem funcionamento também em aplicativo Radio Abelha Dourada FM; possui site; [www. Radioabelhadoura.com.br](http://www.Radioabelhadoura.com.br) (RDJ 1).

Rádio regida por associação comunitária; potência de 25 Walts, área de 1 quilômetro a partir da antena; programação diversificada voltada à comunidade; Rádio aberta a todos da comunidade. (RDJ 2).

Fomento à cultura; Fomento ao esporte; oportunidade na formação de radiojornalista; abertura de espaço para a participação da comunidade. (RDJ 3).

Atuação na comunidade; abertura de espaço aos artistas da terra; participação nos eventos esportivos e realização de festivais de música. (RDJ 4).

Com as respostas apresentadas, constatou-se que na visão dos entrevistados, a mencionada Rádio contempla algumas características próprias de um veículo comunitário, sobretudo ao se observar, dentre outros aspectos, a potência e o raio que atinge em termos de transmissão, além da participação da comunidade e sua programação voltada aos moradores locais, além dos serviços de utilidade pública. Isso é confirmado, com a citação, dos Arts 1º e 3º, da Lei nº 9.612 de 19 de fevereiro de 1998, que consideram as características que se seguem: a primeira característica, em termos técnicos, trata-se da representação da cultura local como instrumento fundamental para o exercício da cidadania, as rádios comunitárias têm direito a explorar o espectro eletromagnético com um sinal irradiado por equipamento com potência de até 25 watts, significando, em tese, 1 quilômetro de raio a partir da antena transmissora.

De outra forma, devem permitir o acesso da comunidade ao microfone, oferecer serviços de utilidade pública e possibilitar a divulgação de elementos culturais e socioeducativos, respeitando os valores éticos e sem nenhum tipo de discriminação (BRASIL, 1998).

Vale destacar ainda que:

A rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse

social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível de cultura dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. A emissora radiofônica comunitária permite ainda a participação ativa e autônoma das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e na gestão da emissora. (PERUZZO, 2007, p.69-70).

A rádio comunitária apresenta-se, assim, no contexto sociocultural, a partir da relação que estabelece no âmbito coletivista. Nesse aspecto, deve-se considerar, conforme Ghedini (2009, p. 15), que “uma rádio comunitária, com uma FM de baixa potência de caráter local, é voltada para informar, entreter e prestar serviço à população de sua área de atuação”.

Outra pergunta tratou sobre qual o papel do Radiojornalista comunitário, sendo obtidas as respostas:

Como elemento de aproximação entre a comunidade local e o poder público, bem como entre outros setores sociais da sociedade. (RDJ 1).
O papel do radiojornalista é ter uma comunicação popular, informando a toda a comunidade com ética e transparência. (RDJ 2).
Como um profissional que abre espaço e dar voz a comunidade, levando também as demandas às autoridades locais. (RDJ 3).
Como uma profissional que abre espaço, dando voz a comunidade, bem como sendo uma espécie de “eco” junto às autoridades. (RDJ 4).

Pôde-se perceber, frente ao apresentado pelos sujeitos pesquisados que o papel do radiojornalista é voltado, antes de tudo, para a informação, para aproximação entre comunidade, o poder público e as autoridades locais. Abrindo espaços, dando voz à comunidade, sendo um mediador dos problemas da localidade junto às autoridades públicas do município.

Nesse contexto, é preciso retomar o afirmado por Peruzzo (1998), que explicita sobre a existência da relevância da conscientização política da base, que pode ser formada por meio da atuação do jornalismo comunitário e ainda afirma que, para ser realmente um jornalismo comunitário, necessário se faz ser realizado por membros da comunidade, mesmo que esses ainda não atinjam o nível de participação desejado. Dessa forma, para a autora, impossível se torna desvincular a prática do jornalismo comunitário do engajamento social e político, visto que é essa a base para a transformação, bem como para o alcance dos propósitos dos moradores da região, ou seja, da comunidade.

A próxima pergunta focalizou o gênero de atuação de cada radiojornalista, sendo pedido também para ser feito um comentário mais detalhado sobre as atuações. Quando eles responderam assim:

O meu gênero de atuação é a reportagem. Procura dar voz à comunidade, ouvir os seus reclames, sendo a ponte ou elo entre também com o poder público, na colaboração para a solução dos problemas detectados. (RDJ 1).

O gênero no qual atuo é a reportagem, tenho como atribuição a busca de informações no meio público, procurando trazer conteúdos para a comunidade, o que é de grande importância. (RDJ 2).

O meu gênero direciona-se ao noticiário local, regional e nacional, atuo também na programação musical dessa Rádio. (RDJ 3).

Eu estou voltada à realização de entrevistas com personalidades da localidade, enfocando temas voltados ao interesse da cidade e dos cidadãos. (RDJ 4).

Evidenciou-se, com o pronunciado pelos participantes da pesquisa, que dois profissionais são repórteres, outro trabalha no noticiário e, por fim, há uma radiojornalista que faz um trabalho com entrevistas, o que demonstra a diversidade de gêneros que faz parte dos serviços de radiojornalismo da Rádio Abelha Dourada, isso, certamente, influi na relevância desse trabalho comunitário.

Considera-se que dentre os gêneros mais utilizados, o informativo ou jornalístico. Assim, pode ser afirmado que a programação informativa se relaciona com a notícia, visto que, partindo-se dela são dadas a informação mais relevante no tocante a um determinado fato quer seja ele factual ou não. Frente ao exposto, segundo Lage (2001, p. 54), notícia é “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante”.

De outra forma, Beltrão (apud LOPEZ; MATA, 2009) enfatiza que reportagem é concebida como o relato de um acontecimento de interesse coletivo, que é testemunhado ou colhido na fonte por um jornalista e oferecida ao público, especialmente, por meio dos veículos jornalísticos. Nessa perspectiva, a maioria das reportagens são feitas de temas polêmicos e atuais, assuntos que a população tem interesse, mostrando sobretudo algum ponto acerca do tema em discussão que ainda não tenha sido abordado.

Tomando como enfoque a relevância da entrevista, sobretudo no ambiente de uma rádio comunitária, vale citar Lopez e Mata (2009, p. 73), que afirmam: “A entrevista, além de ser um gênero específico, é uma técnica que dá vida a todos os

outros gêneros. Pois, é através dela que toda produção jornalística é obtida”. Entende-se, com o exposto, que o jornalismo é feito de informações, e essas são trazidas também por meio das entrevistas, independentemente de sua abordagem fazem parte do cotidiano jornalístico.

Mais uma pergunta, trouxe um questionamento sobre se há efetivamente uma expressiva participação da comunidade local nas ações desenvolvidas pela referida Rádio e quais as práticas desenvolvidas que mais fortalecem essa integração e inter-relação, pedindo-se, por fim, inclusive, para serem feitos comentários de como ocorre tal processo. Os entrevistados responderam da seguinte forma:

Sim, há uma participação expressiva, diariamente em toda a programação da Rádio, desde o programa jornalístico aos programas musicais e culturais, além da participação em eventos como festival de música elaborado pela Rádio e também em coberturas de competições esportivas (RDJ 1).

Sim. As práticas desenvolvidas são ao mesmo tempo simples e de grande relevo, que vêm principalmente do jornalismo, quando a comunidade tem a relação de interlocução com uma rádio da população, onde há também ações de cunho humanitário, com ajuda a quem precisa. (RDJ 2).

Sim. As ações realizadas ao vivo nas praças e bairros, informando para a comunidade os problemas e também a realização de ações de marketing, com a distribuição de brindes. (RDJ 3).

Sim. Aproximadamente de 60% a 70% da comunidade participam, levando questões referentes à cidade e a Rádio, indo “In loco” conferir as demandas. (RDJ 4).S

Ao se analisar as respostas dos entrevistados, nota-se uma boa participação da comunidade local, sendo desenvolvidas diversas ações, em meio a outras, os festivais musicais, as coberturas esportivas, as ações de marketing e distribuição de brindes, as ações voltadas as ajudas humanitárias, bem como os eventos musicais e culturais como um todo. Isso demonstra que apesar de não ser possível, quase sempre, em toda a sua extensão, haver uma verdadeira democratização da informação, verifica-se que há uma grande participação da comunidade, que resulta em ações de cidadania.

Nesse sentido, mais uma vez, é preciso retomar ao explicitado por Darolt et al. (2011, p. 79), ao considerar que, com referência à participação popular, vale afirmar que as Emissoras de Radiodifusão Comunitária cumprem um papel social de muita significância nas comunidades em que estão inseridas. Assim, o simples fato de sua

existência já demonstra a mobilização comunitária em prol do desejo de ter um canal pelo qual possam se manifestar e também serem ouvidos. Tal meio de comunicação oferece oportunidade a voz, muitas vezes, oprimida em outros meios de se expressar e divulgar o trabalho feito na comunidade. Portanto, um dos principais papéis das rádios comunitárias é de transformar os indivíduos em cidadãos atuantes, bem como mobilizados em lutar pelos seus direitos e ativos no dia a dia da localidade.

É preciso se considerar também que, conforme cita Coelho Neto (2002, p. 68), respeitando a sua crença de que as rádios comunitárias tenham sido criadas para ocupar as “lacunas deixadas pelas emissoras de médio e grande porte que, em geral, que não se prestam a servir as pequenas comunidades, como as do interior ou de bairros de grandes cidades”. O autor concebe que essas emissoras se direcionam para um público mais amplo e diversificado, que não é atendido por veículos da grande imprensa, já que esses “não mergulham nas especificidades dos pequenos conglomerados, mas cujas ilhas, quando somadas, representam um universo considerável.”

Outra pergunta direcionou-se à programação jornalística e se ela atende aos interesses da comunidade, questionou ainda se há outras solicitações nesse sentido por parte dos moradores da localidade; o que foi respondido da forma que se segue:

O jornalismo atende sim, bem como o programa cultural já solicitado pela comunidade.(RDJ 1).

Sim. A programação jornalística sempre atende aos moradores, ajudando-os nas suas solicitações, priorizando ações das comunidades que dizem respeito à garantia dos seus direitos.(RDJ 2).

Sim. A programação atende aos interesses da comunidade. Não há outras solicitações.(RDJ 3).

Atende sim, pois diariamente participam dos programas jornalísticos e de outras solicitações que são atendidas, a exemplo de programas culturais e esportivos.(RDJ 4).

Verificou-se que todos os entrevistados afirmaram que “Sim”, fazendo os seguintes comentários: RDJ 1 destacou o programa cultural “já no ar”, o qual foi solicitado pela comunidade; RDJ 2 preferiu mencionar as ações voltadas à comunidade no que tange à garantia de direitos; RDJ 3 disse não haver outras solicitações e RDJ 4 destacou tanto os programas culturais quanto os esportivos já em ação.

Frente ao exposto, cabe enfatizar, segundo Ávila (2000, p. 71), que “[...] aquele que emerge do desabrochar de capacidades, competências e habilidades no âmbito e do seio da própria comunidade, isto é, de dentro para fora”. Dessa forma, para o autor, se o que foi descrito fosse cumprido na íntegra, utilizando a comunidade em todo o processo comunicativo, o autêntico desenvolvimento seria uma consequência certa.

Por fim, foi perguntado quais são as principais contribuições da Rádio Comunitária Abelha Dourada para Itiúba e, sobretudo, para a comunidade local, obtendo-se, em seguida, as respostas abaixo:

Contribuições como os festivais de música, competições esportivas realizadas pela Rádio, bem como na participação em temas de interesses da população, a exemplo das transmissões das sessões da Câmara de vereadores, deixando a população mais informada sobre os trabalhos daquela Casa Legislativa. A contribuição que ficou marcada para a comunidade foi a participação ativa sobre o fechamento da Comarca de Itiúba, quando, após um furo de reportagem, houve a mobilização de grande parte dos moradores e autoridades, os quais foram ao Tribunal de Justiça da Bahia, em Salvador, no ano de 2017, e com essa ação, a Comarca permaneceu até hoje em funcionamento em Itiúba. (RDJ 1).

Há várias contribuições, podendo-se destacar a participação para impedir que o Fórum, ou a Comarca de Itiúba fosse desativada. Ajudando também com ações comunitárias; trazendo e levando, por outro lado, esportes, músicas e entretenimentos para a comunidade (RDJ 2).

Contribuições, como ações que fortaleçam a campanhas com a distribuição de alimentos, roupas, para a comunidade mais carente, ou seja, menos assistida. Campanhas educativas direcionadas à divulgação do Estatuto da Criança e adolescente (ECA) e o Estatuto do Idoso, em parceria com o Ministério Público. Campanha realizadas em parceria com o TRE (Tribunal Regional Eleitoral) voltada, principalmente, ao Título de Eleitor e Eleições, além de ações voltadas à Saúde dos moradores junto aos órgãos públicos. (RDJ 3).

Dentre outras, a realização dos festivais culturais, dando visibilidade aos artistas locais. As transmissões de eventos esportivos, incentivando e fomentando o esporte. (RDJ 4).

Analisando-se as respostas apresentadas, pode perceber que há muitas contribuições, que vão desde aquelas que se referem as próprias ações que perfazem a programação no dia a dia da Rádio, passando pelas práticas solidárias, chegando à prestação de serviços com as campanhas junto ao Ministério Público.

Na perspectiva da cultura, falar de comunicação popular é falar do modo de inserção do trabalho comunicativo no ambiente social. É pensar a

comunicação a partir dos critérios e valores dos grupos populares ligados a esse meio ambiente. Valores como o sentido da vida, do trabalho, da solidariedade, que aparecem articulados no cotidiano do povo. (COGO, 1998, p. 48).

Entende-se como um trabalhar em um universo de culturas que abrangem valores, crenças, conflitos e manifestações diversificadas, de forma a desenvolver um ambiente de envolvimento social, que ao mesmo tempo se caracteriza pela individualidade de pensamentos. É justamente a pluralidade de ideias e valores que impulsiona cada um dos moradores a se comunicar, bem como a interagir por meio da autoexpressão, do conhecimento de novos pontos de vista, da troca de informações. “A comunicação, que permite e privilegia todo esse processo, transforma cada indivíduo em membro atuante da comunidade, um verdadeiro agente participativo na construção da cidadania”. (RUAS, 2002, p. 106).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, com este trabalho acadêmico destacar o Jornalismo da Rádio comunitária de Itiúba (Bahia). Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, foi realizado um estudo de caso, quando se verificou que a questão-problema apresentada teve uma resposta a contento e os objetivos foram plenamente alcançados.

Nesse sentido, com a pesquisa realizada, pode-se constatar que a referida Rádio apresenta características próprias de um veículo comunitário, sobretudo, ao se observar, em meio a outros aspectos, a potência e o raio que atinge em termos de transmissão, bem como a participação da comunidade e sua programação voltada aos moradores locais, além dos serviços de utilidade pública realizados. Notou-se também que o papel do radiojornalista é caracterizado pela difusão da informação, da aproximação entre comunidade, o poder público e as autoridades locais. Considerando ainda a abertura de espaços, para a comunidade e a mediação dos problemas da localidade junto às autoridades do município.

Por outro lado, observou também que a Equipe de Radiojornalista é composta por dois repórteres, um encarregado do noticiário e outra voltada para a realização de entrevistas. De outro modo, percebeu-se que há uma expressiva participação da comunidade local, sendo desenvolvidas diversas ações, em meio a outras, os festivais musicais, as coberturas esportivas, as ações de marketing e distribuição de brindes, as ações voltadas às ajudas humanitárias, bem como os eventos musicais e culturais como um todo. Verificou-se, em outra vertente, que a programação jornalística atende aos interesses da comunidade.

Evidenciou-se, também, as muitas contribuições proporcionadas com as ações da Rádio Comunitária Abelha Dourada, apesar do enfrentamento dos obstáculos e limitações impostas, destacando-se a programação cotidiana diversificada desse veículo de informação e comunicação, bem como as práticas solidárias, as campanhas junto ao Ministério Público. Sendo salientada, em outro contexto, a ação que impediu o fechamento da Comarca de Itiúba.

Por todos os aspectos apresentados, esta Monografia possibilitou uma ampliação de conhecimentos para o bacharelado em jornalismo, além de se configurar como um acervo que pode ser concebido como objeto de pesquisa para a produção de outros trabalhos que tenham relação com o tema em pauta.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Vicente Fideles de. Pressupostos para formação educacional em desenvolvimento local. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento local**. Campo Grande: UCDB, vol. 1, n.1, p. 63-76, set 2000.

AVRELLA, Bárbara; ZUCOLOTO, Valci. **A programação jornalística local**: o caso da Rádio Luz e Alegria AM1, Rádio Leituras, Ano IV, Num 01, Edição Janeiro – Junho, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**: Língua portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.612 de 19 de fevereiro de 1998. **Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm. Acesso em 20 mar. 2022.

BRASIL. **Artigo 220 da Constituição Federal de 1988**. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10646742/artigo-220-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em 20 mar. 2022.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**: a independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os corporativismos, o poder econômico e as ONGs. São Paulo: Contexto, 2009.

BUCCI, Eugênio. **O Estado de Narciso**: A comunicação pública a serviço da vaidade particular. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 247 p.

CAPUTO, S. **Sobre Entrevista: teoria, prática e experiência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CHAPARRO, M.C. **Curso de Jornalismo – Aula 1**: Fundamentos Introdutórios. 2008. Disponível em: <http://www.oxisdaquestao.com.br/columamentoteorico.asp?paginaatual=6&start=5&historico=>> Acesso em 10 abr. 2022.

COELHO NETO, Armando. **Rádio Comunitária Não é Crime**. São Paulo: Ícone, 2002.

COGO, Denise Mara. **No ar uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

DAROLT, Everton; REIS, Clóvis; HAMMES, Felipe. **A participação popular nas emissoras comunitárias de rádio instaladas nos municípios do Médio Vale do Itajaí/SC**. Dissertação Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC. Disponível em

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-1077-1.pdf>. 20 mar. 2022.

DORNELLES, Beatriz. **O local em destaque**: jornais de bairro x cadernos de bairros. v.9. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FESTA, Regina, SILVA Eduardo Lins da. **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GALVÃO, L. C. J.; VAZ FILHO, P.S. **Vozes da rádio comunitária**: O papel da Heliópolis FM na luta contra a Covid-19 na cidade de São Paulo. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 03, p. 105-132, set./dez. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GHEDINI, Fred. **Nas Ondas Sonoras da Comunidade**: A Luta Pelas Rádios Comunitárias no Brasil. São Paulo: Global Editora, 2009. 107 p.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, Fatos e Interesses**. Ensaios de teoria do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V. 1. Florianópolis: Insular, 2009.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração**. In: FILHO, André Barbosa. PIOVESAN, Angelo. BENETON Rosana (orgs) *Rádio. Sintonia do Futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004.

IMBUZEIRO, Clarice Araujo; SANTOS, Murillo Assis Alves dos; SOUZA, Sofia Barreto; PINHEIRO, Silvia Silva Martins. **Movimento de Rádios Comunitárias**: limites e desafios para uma comunicação contra-hegemonica. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís do Maranhão, 2013.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3ª edição. Florianópolis, SC: Insular, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**, Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIMA, Venício A. **Liberdade de expressão X Liberdade de imprensa**: Direito à Comunicação e Democracia. São Paulo, São Paulo, Brasil: Publisher Brasil. 2011.

LOPES, Cristiano Aguiar. **Política pública de radiodifusão comunitária no Brasil – exclusão como estratégia de contra-reforma**. Dissertação (mestrado em comunicação). Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LOPEZ, D. C.; DA MATA, J. H. **Os gêneros jornalísticos e sua aplicação no radiojornalismo**. Lumina, [S. l.], v. 3, n. 1, 2009. DOI: 10.34019/1981-4070.2009.v3.21052. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21052>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LOPEZ VIGIL, José L. **¿Qué hace comunitaria a una radio comunitaria?** In: Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 52, nov. 1995. Quito, Ecuador: Editorial QUIPUS/CIESPAL

MECLEISH, R. **Produção de Rádio**: Summus, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

MATA, Maria Cristina. **Comunicación y ciudadanía**: problemas teórico-políticos de su articulación. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. São Leopoldo, RS, VIII (1), janeiro/abril, 2006, p. 5-15.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações - Comunicação, Cultura e Hegemonia**. 2º ed. Rio de Janeiro: URFJ, 2003.

MCLUHAN, Marshall Herbert. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cutrix, 1964.

ORTIZ, M. Á; MARCHAMALO, J. **Técnicas de comunicação pelo rádio**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PASCOAL, Norberto Luís. **Educação, voluntariado e mídia**. São Paulo: Editora Fundação Educar Dpaschoal, 2001.

PERUZZO, Maria Cicília K. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. Vol. III, n.1, set 2001.

_____. **Rádio comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento.** In: PAIVA, Raquel (org.). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PRADO, Emilio. **Estrutura da Informação Radiofônica.** 2.ed. São Paulo: Summus, 1989.

PRIETO, I. **Programación Radiofónica y Espacios Informativos.** Venezuela: Ediluz, 2001.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa.** Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

RUAS, Cláudia Mara Stapani. **A rádio comunitária como fator de desenvolvimento local.** Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Local. Universidade católica Dom Bosco programa de Pós-graduação em Desenvolvimento local - mestrado acadêmico Campo Grande/MS – 2002.

SILVA, Gislene Rosa. **Identidade da periferia: o papel das rádios comunitárias na construção da cidadania.** Monografia de especialização em Jornalismo Social. PUC, São Paulo, 2003.

SOARES, Mariana Cervi; REGINATO, Gisele Dotto. Teoria e prática jornalística em uma rádio comunitária: estudo do programa Ecolândia – o mundo onde a gente vive. **Revista de Economia Política de las tecnologías de la Información y de la comunicación.** www.eptic.com.br, Vol, XIOV, nº 2, May-Ago/2012

SANTOS, Rosangela de Souza. **Rádio comunitária: um canal de expressão e participação do povo /** Rosangela de Souza Santos. - - João Pessoa: UFPB, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade Interpretativa transnacional.** Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

WOITOWICZ, Karina Janz (Org.). **Recortes da Mídia Alternativa: Histórias e Memórias da Comunicação no Brasil.** São Paulo: Uepg, 2009. 312 p.

VERGARA, Sylvia Constant. C. **Métodos de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2005.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2012.

APÊNDICES

A. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ENTREVISTA COM A EQUIPE DE RADIOJORNALISMO

Perfil do(a) Radiojornalista(a) (Perguntas de 1 a 4)

_Sexo: () Feminino () Masculino

1. Faixa etária (idade)_____

2. Formação: () Nível Médio () Nível Superior () Pós-graduado(a)

3. Tempo que atua no jornalismo da Rádio Abelha Dourada de Itiúba-Bahia:

Dados mais específicos do trabalho de pesquisa (perguntas de 5 A 10)

4. Cite 4 aspectos que, para você, caracterizam a “Abelha Dourada” como uma Rádio Comunitária?

5. Como pode ser compreendido o papel do Radiojornalista comunitário?

6. Qual o Gênero que faz parte da abordagem do seu trabalho de Radiojornalismo na citada Rádio Comunitária? Cite-o, fazendo um pequeno comentário sobre o desenrolar de tais ações.

7. Há uma expressiva participação da comunidade local nas ações desenvolvidas pela referida Rádio. Quais as práticas desenvolvidas que mais fortalecem essa integração e inter-relação? Comente como ocorre tal participação.

8. A programação jornalística atende aos interesses da comunidade? Nessa perspectiva, há outras solicitações por parte dos moradores da localidade? Responda, com um breve comentário.

9. Quais as principais contribuições da Rádio Comunitária Abelha Dourada para Itiúba e sobretudo para a comunidade local?